

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA- LICENCIATURA

Lara Nólío

CONTOS DE FADAS:
do imaginário às fronteiras da realidade

Porto Alegre
1º Semestre
2015

Lara Nólío

**CONTOS DE FADAS:
do imaginário às fronteiras da realidade**

Trabalho apresentado à comissão de Graduação do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Gabriel de Andrade Junqueira Filho

**Porto Alegre
1º Semestre
2015**

AGRADECIMENTOS...

Primeiramente agradeço a Deus, o centro e o fundamento de tudo em minha vida, por renovar a cada momento a minha força e disposição, e pelo discernimento concedido ao longo dessa jornada.

Quero agradecer a minha mãe, Leda, pela parceria com que me acompanhou em toda essa longa jornada. Pelas idas e vindas. Mãe, teu cuidado e tua dedicação me deram a esperança para seguir. Obrigada pelo incentivo neste curso que agora tenho o orgulho de concluir.

Aos meus irmãos, Márcio e Marcelo, por todo amor, carinho e confiança.

Ao Thiago Henrique, pelo carinho, compreensão, amor e solidariedade inefável. Obrigada pela paciência e por sua capacidade de me trazer paz na correria de cada semestre.

À UFRGS, pela excelência de ensino.

Ao meu orientador, professor Gabriel de Andrade Junqueira Filho, que acreditou em mim, que ouviu pacientemente as minhas considerações, partilhando comigo as suas ideias, conhecimentos e experiências, e que sempre me motivou. Quero expressar o meu reconhecimento e admiração por sua competência profissional e minha gratidão por sua amizade, por ser um profissional extremamente qualificado e pela forma humana com que conduziu minha orientação.

À Martha Gomes, minha amiga e colega de graduação, que se fez presente em minha vida por palavras de encorajamento e por momentos de lazer que foram essenciais neste percurso, no qual rimos muito e nos ajudamos mutuamente. Obrigada pelas longas risadas.

A vocês serei eternamente grata, muito obrigada!

RESUMO

O encantador universo infantil é povoado, em grande parte, por sonhos, fantasias, imaginação, conflitos e questionamentos que levam a criança a sentir-se insegura diante do mundo real. Os contos de fadas, atuando sobre a mente humana, encantam a criança e a fazem identificar-se com esse mundo mágico, transmitindo-lhe valores que a ajudam na compreensão de si mesma e da realidade à sua volta. Nesse sentido, no presente trabalho, busca-se investigar como esses contos de fadas agem na mente e nas emoções da criança, através de histórias representativas de situações e problemas reais. Este estudo tem como fundamentação o reconhecimento da utilização da narração de contos de fadas na resolução de conflitos por meio do imaginário. Assim, destaca-se o problema desta pesquisa: como as narrações dos contos de fadas ajudam no desenvolvimento do imaginário infantil e na resolução dos conflitos internos das crianças, mais especificamente, as crianças na faixa etária de cinco a seis anos que frequentam a Educação Infantil? A pesquisa foi desenvolvida a partir de levantamento e análise bibliográfica, mais precisamente, de viés psicanalítico. A metodologia prevê, inicialmente, o estabelecimento de um marco teórico para, em seguida, realizar-se a análise da externalização de conflito após a narração do conto de fadas *A Bela Adormecida*, que será feita a partir do relatório de estágio realizado com uma turma de educação infantil. Ao final serão apresentados os resultados visualizados através da análise proposta.

Palavras-chave: Contos de fadas, conflitos, fantasia, imaginação, Educação Infantil.

SUMÁRIO

1 ERA UMA VEZ...	6
1.1 Metodologia.....	9
2 MARCO TEÓRICO	10
2.1 A origem dos contos de fadas.....	10
2.2 A estrutura da narrativa dos contos de fadas	11
2.3 A importância dos contos de fadas na formação da personalidade da criança.....	15
2.4 Os contos de fadas e a busca do significado para a criança	20
2.5 Características e conceitos fundamentais dos contos de fadas: imaginário infantil, fantasia, conflitos internos.....	24
3 ANÁLISE DA EXTERNALIZAÇÃO DOS CONFLITOS INFANTIS APÓS NARRAÇÃO DO CONTO DE FADAS <i>A BELA ADORMECIDA</i>	32
3.1 As crianças e suas externalizações	32
3.2 Análise dos diálogos das crianças após a narração de <i>A Bela Adormecida</i>	37
4 FINAL FELIZ PARA TODAS AS CRIANÇAS	43
REFERÊNCIAS	46

1 ERA UMA VEZ...

Assim que entrei na universidade pensei que o mais difícil já havia passado, afinal, foram cinco anos de luta para poder alcançar a tão sonhada vitória. Mas, ao contrário do que imaginava, a luta só estava começando. Entre os desafios que precisei enfrentar ao longo da estrada acadêmica, no curso de Pedagogia, destaca-se a batalha que travei comigo mesma para escolher o tema de minha pesquisa para a elaboração do trabalho de conclusão do curso. Tema este que, ao final, entendi, eu não precisei escolher, mas sim encontrar, já que ele sempre esteve em mim.

Pensei daqui, refleti dali, e me dei conta de que a minha relação com os contos de fadas havia sido muito intensa durante a minha infância (e continua sendo, é preciso reconhecer). Eu só não entendia o porquê, e era isso que eu queria e precisava descobrir. Sempre gostei das histórias *Branca de Neve e os sete anões*, *A Bela Adormecida*, *Chapeuzinho Vermelho*, *Cinderela*. Assistia às versões cinematográficas dessas histórias, também em fitas cassetes em casa, ou lia nos livros que tinha, uma, duas, três vezes, e nunca me cansava; era como se fosse sempre a primeira vez.

Lembro-me do pavor que sentia quando o lobo (vestido de vovozinha) dialogava com a inocente Chapeuzinho, ou quando a bruxa oferecia a maçã envenenada à linda Branca de Neve. Como ficava feliz sempre que revia o triunfo da Cinderela ao calçar o sapatinho, a chegada de João e Maria ao seu lar e a surpreendente transformação do Patinho Feio no final da história. Mesmo já conhecendo o desfecho dessas histórias, elas agiam sobre mim, exercendo um encanto que não é comum em todas as histórias infantis.

Então, ao recordar a minha saudosa infância, consigo lembrar claramente o que aconteceu para eu chegar ao prazer pela leitura e à devoção pelos contos de fadas. Minha mãe, quase todos os dias, lia um conto de fadas para mim quando eu chegava da escola. Dessa forma, a cada dia que passava, a vontade de escutar e a curiosidade em relação aos conflitos, mistérios e fantasias vividos pelos personagens das histórias aumentava.

Assim, eu imaginava, na história de *Chapeuzinho Vermelho*, como é que a vovó permanecia viva na barriga do lobo até ser salva pelo lenhador, ou como era possível haver um castelo no céu, o castelo de um gigante, aquele encontrado por João após ter subido num pé de feijão gigante, ou, ainda, como é que a Bela Adormecida ficou enfeitiçada num sono de cem anos? Hoje, em meio aos estudos para a elaboração desse trabalho de conclusão, entendo que minhas perguntas e fascinação por essas histórias tenham a ver com o fato de a estrutura

narrativa dos contos de fadas abrirem espaço para que as crianças possam imaginar e despertar curiosidades, que alimentam o mistério no decorrer da narração dos mesmos.

As lembranças dos momentos de narração desses contos na minha infância remetem a um tempo de encantamento e curiosidade intensos de minha parte. Eram momentos únicos, uma vez que ao escutar um conto de fadas eu viajava, na fantasia e na imaginação, em meio a todas as minhas ilusões, inquietações e descobertas de criança. Nesses devaneios diante da narrativa, havia vezes em que eu era a fada, por acreditar que fadas são seres cheios de bondade e ternura; sem falar na questão estética, afinal, qual menina não gostaria de ser linda igual a uma fada... Em outras, eu era bruxa, claro, quando aprontava alguma sapequice. Ou ainda, era um leãozinho, que havia acabado de perder o pai; eu era o Simba, meu pai era o bravo Rei Leão, e assim como Simba, eu perdi meu pai quando criança.

Como eram aconchegantes aqueles momentos à tardinha, depois de chegar da escola. Sentada numa almofada macia, num espaço agradável, no quarto, com uma narradora que realmente se apropriava do conto, minha mãe. Foi nesta época, hoje consigo localizar muito bem, em torno dos meus cinco anos, que começou minha paixão pelos contos de fadas.

Tenho boas, porém poucas, lembranças de narrações de contos de fadas por minhas professoras quando era criança. Lembro-me que ouvia alguma história quando, por exemplo, era um dia chuvoso e não podíamos ir para o pátio; a solução, então, era a professora narrar um conto de fadas, apenas para nos distrair e fazer com que o tempo passasse mais rápido. Como professora, desejo muito ser lembrada pelos meus futuros alunos como alguém que os aproximou prazerosa e significativamente da narração dos contos de fadas, não como alguém que contava histórias apenas para cumprir obrigações da escola.

É encantador para mim, adulta, lembrar as histórias contadas pela minha mãe. Quando criança, ao ouvir, por exemplo, a história do Patinho Feio, sentia pena dele, ficava triste. Hoje enxergo a mesma história de outra forma: quantas vezes nos sentimos um Patinho Feio, ou ainda, quantos Patinhos Feios existem por aí excluídos e discriminados, quantas crianças podem sentir-se feias e sem graça em comparação a seus amigos. O mundo da literatura infantil é realmente encantador e surpreendente, entre outros motivos, pela identificação das crianças em relação aos conflitos vividos pelas personagens, quando ouvem, veem ou leem os contos de fadas.

Ainda hoje consigo perceber que os contos de fadas agem de maneira intensa nas crianças. Sempre que contava essas histórias aos meus alunos, durante o estágio obrigatório do curso de Pedagogia, via a maneira como eles reagiam, explanavam seus sentimentos, saudades, dor, amor, raiva, conversavam entre si sobre o que estava acontecendo em suas

vidas ou que já havia acontecido, por exemplo, quais parentes teriam perdido e o motivo da perda e também quais momentos de suas vidas traziam mais felicidade.

Com certeza os contos exerciam neles um encanto semelhante ao que exerceram em mim. Comecei, então, a me perguntar por que essas histórias, que haviam sido inventadas há séculos, me encantaram tanto e ainda continuam encantando as crianças. Com o tempo, foi ficando claro para mim que eu não precisava mais procurar, pois havia encontrado o objeto de estudo para a realização do meu trabalho de conclusão de curso. Entre tantas perguntas, uma delas se destacou, sintetizando o que eu queria saber sobre esse assunto: como as narrações dos contos de fadas ajudam no desenvolvimento do imaginário infantil e na resolução dos conflitos internos das crianças, mais especificamente, as crianças na faixa etária de cinco a seis anos que frequentam a Educação Infantil?

Ao ler livros que tratam desse tema, pude ver o quanto os contos de fadas narrados em sala de aula pelos educadores podem ser um recurso tanto para o desenvolvimento do imaginário infantil quanto para a resolução de conflitos internos das crianças.

Os contos de fadas apresentam fantasias que auxiliam a criança a organizar suas experiências e buscar resolver seus conflitos emocionais – que, a sua frente, parecem complexos e impossíveis de serem solucionados – promovendo, assim, o sucesso final, em que a felicidade almejada reina para sempre. As crianças, então, acreditam que podem resolver seus conflitos pela lógica do final feliz proposta pelos contos de fadas. Para Bettelheim (1980), o conto de fadas tem um efeito terapêutico na medida em que a criança encontra uma solução para as suas dúvidas através da contemplação do que a história parece implicar acerca dos seus conflitos pessoais nesse momento de vida.

Já não sou mais criança, mas, próximo de me formar professora no curso de Pedagogia, e desafiada pela escolha do meu objeto de estudo, me deparei, no sétimo semestre do curso, com esta temática que me foi tão cara na infância, justamente no período em que realizava o estágio obrigatório, em uma turma de Educação Infantil com crianças de cinco e seis anos.

O prazer e o encantamento que as crianças tinham ao sentarem-se, com os olhos brilhando, para escutar os contos de fadas narrados por mim é algo que guardarei por toda minha vida como belas e saudosas lembranças. Por tudo isso que vivi desde criança, e mais recentemente como estagiária, é que considero, junto com os autores lidos para a realização dessa pesquisa, a narração dos contos de fadas como portadora de significados para as crianças, porque cumprem relevante papel: eles são uma expressão cristalina e simples de nosso complexo, turvo e profundo mundo psicológico.

E, ao longo do curso de Pedagogia, tive educadores maravilhosos, que me guiaram para o caminho de me tornar uma boa contadora de histórias, reforçando o que já havia aprendido com minha mãe quando criança.

As fontes teóricas que utilizei foram as desenvolvidas sob uma perspectiva psicanalítica, sendo elas: *A psicanálise dos contos de fadas*, do psicólogo infantil austríaco Bruno Bettelheim (1980), e *Fadas no divã*, do casal brasileiro de psicanalistas Diana Lichtenstein Corso e Mário Corso (2006).

Sendo assim, a seguir, apresento como a presente pesquisa está organizada:

Em “Era uma vez...”, apresento um pouco de minha trajetória da infância até o presente momento, revelando as origens da minha real paixão e devoção pelos contos de fadas, o que eles representaram para mim quando era criança e o que continuam representando ainda hoje, já adulta, às vésperas de tornar-me professora. A seguir, apresento brevemente a metodologia utilizada. Passando então para o capítulo 2, estabeleço o marco teórico, destacando a origem dos contos de fadas, a sua influência na personalidade da criança, o significado deles para a criança, os conceitos fundamentais e a estrutura narrativa desse gênero literário.

No capítulo 3, analiso situações vividas durante o estágio obrigatório do curso de Pedagogia, junto a uma turma de crianças na faixa etária entre cinco e seis anos de idade. Mais precisamente, repenso as manifestações das crianças diante da narração de *A Bela Adormecida*, buscando compreender a importância dos contos de fadas no auxílio da externalização dos sentimentos infantis.

Por fim, em “Final feliz para todas as crianças”, são apresentadas as conclusões a que cheguei com essa pesquisa, retomando aspectos significativos da mesma, assim como as contribuições proporcionadas por este estudo.

1.1 Metodologia

A realização deste trabalho se deu a partir de levantamento e análise bibliográfica sobre o objeto de estudo em questão, bem como, da recuperação e análise de documentos, a saber, o diário de campo do estágio obrigatório do curso de Pedagogia. O estágio foi desenvolvido ao longo de 14 semanas, entre 1º de setembro e 04 de dezembro de 2014, junto a uma turma de 17 crianças entre cinco e seis anos, em uma escola particular de Educação Infantil, na cidade de Porto Alegre, no Estado do Rio Grande do Sul.

2 MARCO TEÓRICO

2.1 A origem dos contos de fadas

É difícil determinar ao certo a época em que os contos de fadas tomaram forma. As narrativas que hoje integram uma mitologia universal foram transmitidas, ao longo do tempo, por meio da tradição oral e repassadas de geração para geração. Dessa maneira, muitas das características iniciais foram perdidas.

Os contos de fadas que até hoje se mantêm como os mais populares tiveram sua origem na Europa, no século XIX. A função inicial das narrativas da tradição oral era entreter os habitantes de aldeias camponesas, ajudando-os a atravessar as longas noites de inverno, como apontam Diana e Mário Corso, em seu livro *Fadas no Divã* (CORSO; CORSO, 2006). As histórias não eram destinadas especificamente para crianças, mas também para adultos, e eram contadas em reuniões ao redor de fogueiras:

Os contos populares pré-modernos talvez fizessem pouco mais do que nomear os medos presentes no coração de todos, adultos e crianças, que se reuniam em volta do fogo enquanto os lobos uivavam lá fora, o frio recrudescia e a fome era um espectro capaz de ceifar a vida dos mais frágeis, mês a mês (CORSO; CORSO, 2006, p. 16).

Durante séculos, os contos populares fizeram parte de momentos coletivos, direcionados a pessoas de todas as idades. Os contadores de histórias retratavam um mundo brutal, repleto de perigos e crueldades, sem nenhuma intenção de esconder a verdadeira mensagem com a utilização de símbolos. Com o passar do tempo, a forma de tais narrativas se diversificou. De acordo com Diana e Mário Corso,

as modernas versões dos contos de fadas, que encantaram tanto nossos antepassados quanto as crianças de hoje, datam do século XIX. São tributárias da criação da família nuclear e da invenção da infância tal como a conhecemos hoje (CORSO; CORSO, 2006, p. 16).

Segundo os autores, a infantilização das narrativas tradicionais dos contos de fadas aconteceu paralela à exclusão das crianças do mundo do trabalho, visto que na Revolução Industrial os espaços de trabalho foram separados do espaço familiar. Além disso, com o advento dos ideais iluministas, as crianças passaram a ser reconhecidas como sujeitos dotados de uma psicologia infantil diferente da subjetividade adulta (CORSO; CORSO, 2006, p. 16). Com o passar dos tempos, a popularização dos livros e, mais recentemente, o advento do cinema e da televisão, os contos de fadas passaram cada vez mais para o domínio infantil.

2.2 A estrutura da narrativa dos contos de fadas

É fácil reconhecer um conto de fadas. Animais que falam, fadas madrinhas, reis e rainhas não podem faltar, assim como a introdução "era uma vez". Isso não é por acaso. A garantia de que a cena se desenrola em um tempo indeterminado do passado pode ser fundamental para a criança deixar-se conduzir com segurança. Essa garantia é de que aquilo não está acontecendo, não acontecerá e sequer aconteceu próximo à criança. E, dessa maneira, livrar-se da dureza da realidade pode ser o que permite à criança imaginar. E, imaginando, ela pode brincar com temas próprios de sua realidade psíquica, por vezes difícil, como o amor, a morte, a violência, a rivalidade fraterna, a separação e o abandono.

É aí que os contos de fadas fornecem o que a criança mais precisa: começam exatamente onde a criança está emocionalmente, mostram-lhe para onde ir e como fazê-lo. Mas o conto de fadas o faz por implicação, na forma de material fantasioso que a criança pode moldar como lhe parecer melhor, e por meio de imagens que tornam mais fácil para ela compreender aquilo que é essencial que compreenda (BETTELHEIM, 1980, p.152-153).

Outro fator importante é a presença da metáfora, que guarda uma dupla capacidade: por um lado é capaz de apresentar nossos dramas e conflitos principais, por outro é feita do simbólico e do estético, portanto, indireto. Assim, protege a criança em sua viagem de projeção na intriga e nas personagens, garantindo certa tranquilidade nos processos de identificação. O símbolo dá vida para nosso material mais arcaico ou sem nome, ou ainda, para nossos medos primordiais. Através de metáforas, o conto diz tudo, sem nada ameaçar.

É interessante observar que os contos guardam a estrutura de um sonho, com deslocamento e simbolização. E, sendo assim, pode-se dizer que contar e ouvir histórias estimula a capacidade de sonhar e, sobretudo, o desejo de narrar os sonhos, indícios de uma vida imaginária mais intensa.

As narrativas podem contar ou não com a presença de fadas, mas fazem uso da magia e de encantamentos. Seu núcleo apresenta um dilema existencial. O início caracteriza-se pelo aparecimento do herói ou da heroína e do problema que vai desestabilizar a paz inicial; da ruptura, quando o herói vai para o desconhecido, deixando a proteção e se desligando da vida concreta; do confronto e da superação de obstáculo e perigos, quando o herói busca soluções fantasiosas. Depois há a restauração, quando se inicia o processo de descoberta do novo e das potencialidades. E, por fim, o desfecho é o retorno à realidade, com a união dos opostos, iniciando o processo de crescimento e desenvolvimento.

No caminho desse herói, sempre aparecem dificuldades e provações que devem ser superadas. Entretanto, ele não logra êxito inicialmente, carecendo sempre do auxiliar mágico, que pode ser natural ou sobrenatural, e que ajuda o herói ou a heroína a superar as barreiras impostas, de maneira a, no final, eles alcançarem o objetivo proposto.

Os contos de fadas tradicionais trabalham com uma linguagem simbólica e não se prendem à contingência do real – possuem estrutura fixa e presença da fantasia. Para Coelho (2000), a magia e o encanto que essas formas narrativas transmitem até hoje estão no fato de que elas não falam à vida real, mas à vida como ela ainda pode ser vivida, apresentando situações humanas possíveis ou imagináveis. Tal modalidade narrativa, por possuir uma estrutura simples e resolver as situações problemáticas por meio da fantasia, é de fácil compreensão para a criança, atendendo às limitações de seu imaginário.

Os personagens e os acontecimentos presentes nos contos de fadas, segundo Bettelheim (1980), demonstram conflitos internos, indicando sua resolução e novos passos em busca de uma humanidade mais elevada. Por causa dessa identificação, a criança imagina que sofre com o herói, que vive todas as suas provações e atribulações, triunfando com ele quando a virtude triunfa também.

Durante o desenrolar da trama, a criança se identifica com as personagens e “vive” a tragédia que ali é apresentada de uma forma geralmente simples, porém impactante. Conflitos internos importantes, inerentes ao ser humano, como a inevitabilidade da morte, o envelhecimento, a luta entre o Bem e o Mal, a inveja, o abandono pelos familiares etc. são tratados nos contos de fadas de modo a oferecer desfechos otimistas e definitivos às crianças – o clássico “...e foram felizes para sempre”. Desta forma, oferece à criança uma referência para elaborar os terríveis elementos ansiógenos que habitam seu imaginário, como seus medos, desejos, amores e ódios, etc., que, na sua imatura perspectiva, apresentam-se originalmente amedrontadores e insolúveis. A criança faz tal identificação por si própria, e são as lutas interiores e exteriores do herói que gravam nela a moralidade.

Estas personagens polarizadas permitem à criança compreender a diferença entre ambos os polos, coisa que ela não poderia fazer facilmente se os protagonistas fossem desenhados mais próximos da realidade, com todas as complexidades que caracterizam as pessoas reais. As ambiguidades têm de esperar até que se tenha estabelecido uma personalidade relativamente firme, com base em identificações positivas. Só então é que a criança tem bases para compreender que há grandes diferenças entre as pessoas e que, portanto, tem de fazer uma opção sobre aquilo que quer ser. Esta decisão básica, sobre a qual

todo o desenvolvimento posterior da personalidade será erigido, é facilitada pela polarização dos contos de fadas.

O enredo na narrativa dos contos de fadas se organiza a partir de poucas personagens, uma estrutura simples, uma linguagem acessível e o conflito inicial, que pode ser uma necessidade, uma vontade ou um propósito, o qual motiva o herói ou a heroína a agir. Esse propósito quase sempre está ligado ao abandono do lar paterno e à obrigatoriedade de o herói viajar até um lugar desconhecido. A narrativa sem esses elementos não se desenvolveria, transformando tais contos em textos sem sentido, pois faltaria o essencial para o leitor criar suas expectativas: o conflito. Este elemento da narrativa é fundamental para o desenvolvimento das ações dos personagens.

Quanto às personagens, elas se dividem em três tipos: protagonistas, antagonistas e secundárias. A protagonista é a personagem principal, pois o centro da narrativa está voltado para as suas ações. Ela pode ser o herói, ao possuir atributos mais elevados que as outras personagens, ou o anti-herói, sendo também protagonista com iguais ou inferiores características, e que, mesmo estando na condição de herói, não está habilitado para esse papel. Pode-se considerar o herói ou o anti-herói como o fio condutor da narrativa, o qual orienta os motivos da ação e fixa a atenção do leitor. A antagonista é a personagem considerada como a vilã da história, contrariando e atrapalhando os feitos do herói ou protagonista.

O Lobo Mau do conto *Chapeuzinho Vermelho*, por exercer um papel de destaque na história, pode até possuir características de um protagonista; no entanto, em virtude de seu mau comportamento e de suas qualidades, converte-se no antagonista. Todavia, ele é um antagonista astuto, forte e poderoso, enquanto a protagonista-herói Chapeuzinho Vermelho se mostra ingênua, fraca e vulnerável, pois se deixa levar pela conversa do Lobo, dando informações que o levam até a avó, e tornando-se, portanto, a responsável direta pelas desgraças que se sucedem.

As personagens secundárias são aquelas que participam dos fatos com pouco destaque no enredo, contribuindo de maneira discreta nos feitos do protagonista ou do antagonista da história.

Segundo Radino (2003) a estrutura da narrativa dos contos de fadas corresponde às necessidades infantis. Os contos de fadas falam de heróis comuns. Seus nomes são genéricos e descritivos, ou comuns, como João e Maria. Os pais dos heróis também podem ser qualquer um de nós. Dessa forma, como diz Radino (2003), torna-se mais fácil uma identificação com

esses personagens genéricos que vivem situações cotidianas e que têm uma família comum, e não sobre-humana ou sobrenatural.

Nessas histórias as personagens vivem situações que são semelhantes às reais, bem como, superação de algo, conquistas, ganhos, perdas, dores, afetos, desafetos; e as resoluções sempre são dadas de forma positiva, o herói ou heroína sempre se sai bem no final.

Como diz Bruno Bettelheim, “uma criança confia no que o conto de fadas diz porque a visão de mundo aí apresentada está de acordo com a sua” (1980, p. 59). Por essa razão, essas narrativas agradam tanto e fazem tanto sucesso com a criança.

Os contos de fadas trabalham conflitos existenciais bastante pesados, como a morte e a separação, de forma categórica, e passam às crianças a mensagem de que na vida é inevitável termos de nos deparar com dificuldades, mas que, se lutarmos com firmeza, será possível vencer os obstáculos e alcançar a vitória. Segundo Bettelheim:

Para dominar os problemas psicológicos do crescimento – superar decepções narcisistas, dilemas edípicos, rivalidades fraternas, ser capaz de abandonar dependências infantis; obter um sentimento de individualidade e de autovalorização, e um sentido de obrigação moral – a criança necessita entender o que está se passando dentro de seu inconsciente. Ela pode atingir essa compreensão, e com isto a habilidade de lidar com as coisas, não através da compreensão racional da natureza e conteúdo de seu inconsciente, mas familiarizando-se com ele através de devaneios prolongados – ruminando, reorganizando e fantasiando sobre elementos adequados da estória em resposta a pressões inconscientes, o que capacita a lidar com este conteúdo. É aqui que os contos de fadas têm um valor inigualável, conquanto oferecem novas dimensões à imaginação da criança que ela não poderia descobrir verdadeiramente por si só. Ainda mais importante: a forma e estrutura dos contos de fadas sugerem imagens à criança com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção à sua vida. (BETTELHEIM, 1980, p.16).

Através de sua estrutura, na qual se encontram personagens, sentimentos, valores e desafios inerentes às exigências infantis, os contos de fadas possibilitam à criança lidar com suas manifestações mais arcaicas. Seu caráter simbólico permite à criança utilizá-los conforme sua necessidade, pois se tratam de obras abertas à subjetividade e que oferecem de modo simplificado novas dimensões à imaginação da criança, pois são passíveis de um leque de possibilidades interpretativas.

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança (BETTELHEIM, 1980, p.20).

A criança já se encontra, naturalmente exposta à sociedade em que vive e enfrenta, cada um ao seu modo, e graças aos recursos interiores que lhe são próprios, os conflitos que

surtem à sua frente. Exatamente por ser a vida desconcertante e complexa, a criança precisa ter a possibilidade de fantasiar e aprender a lidar com esses desajustes. Nesse turbilhão de sentimentos, ela se encontra, muitas vezes, perdida, e lhe falta uma ordenação – não moralista, mas moral – para colocar ordem na casa; e os contos lhe permitem isso. É com esse tipo de significado que trabalham os contos de fadas.

Arriscaria dizer que, muito provavelmente, são essas características que permitem aos contos de fadas transitarem pelo mundo infantil com tanta espontaneidade. Eles trazem conflitos pertinentes à vivência humana que permeiam diversas gerações. Eles trabalham com o conteúdo humano, com aquilo que muitas vezes fica escondido, como, por exemplo, a rivalidade fraterna e as sensações edípicas. Falam de perdas, e, desta forma, acabam por mostrar às crianças que a vida trará algumas dificuldades. A luta e a descoberta não acontecem da noite para o dia. O herói ou a heroína passam por diversas provas e essas devem ser realizadas por eles mesmos. “A única forma de nos tornarmos nós mesmos é através de nossas próprias realizações” (BETTELHEIM, 1980, p.173).

2.3 A importância dos contos de fadas na formação da personalidade da criança

A infância é um período de muitas transformações. A criança constantemente se percebe esbarrando em novas situações de vida. As descobertas acontecem tanto em relação às transformações do próprio corpo, que vai sofrendo mudanças em diversos níveis (morfológico, hormonal, mental), quanto em relação às situações de vida que se apresentam e que são fundamentais para a formação de uma personalidade bem estruturada. Questões existenciais e da natureza humana inundam seus pensamentos e as confrontam constantemente durante a viagem da vida.

As crianças são seres em processo de formação e apresentam-se geralmente mais frágeis perante as dificuldades e transformações impostas pela vida:

Há um tempo certo para determinadas experiências de crescimento, e a infância é o período de aprender a construir pontes sobre a imensa lacuna entre a experiência interna e o mundo real. Os contos de fadas podem parecer sem sentido, fantásticos, amedrontadores e totalmente inacreditáveis para o adulto que foi privado da fantasia do conto de fadas de sua própria infância [...]. Para a criança e para o adulto que, como Sócrates, sabe que ainda existe uma criança dentro do indivíduo mais sábio, os contos de fadas exprimem verdades sobre a humanidade e sobre a própria pessoa. (BETTELHEIM, 1980, p. 83).

Desde sempre os contos de fadas tiveram um papel importante na formação e no desenvolvimento da personalidade da criança. As histórias contadas e transmitidas à criança são o melhor caminho para desenvolver a personalidade infantil. São elas que conseguem impor um magnífico crédito de coerência no turbilhão dos sentimentos infantis, levando a que os medos, as angústias e os complexos da criança sejam vencidos e ultrapassados, no sentido destas adquirirem a sua própria personalidade. Com os contos de fadas, a criança é influenciada pela fantasia e, maravilhada, solta as rédeas de sua imaginação fértil, sem ter necessidade de reprimir o inconsciente. Crescer torna-se, então, agradável, uma vez que se vai conseguindo desdramatizar os conflitos que surgem pelo caminho.

As histórias de bruxas malvadas, princesas presas em torres e cavaleiros corajosos fazem parte das histórias repetidas por vários séculos e nunca deixam de ser atuais. Todos os contos de fadas tratam de conflitos humanos e trazem mensagens essenciais ao desenvolvimento da personalidade da criança. Em todos eles encontramos narrativas sobre nascimentos, rupturas de laços de família, desafios diante do desconhecido, sucessos e fracassos. A criança, ao ouvir repetidamente, por livre e espontânea vontade, essas experiências dos personagens dos contos de fadas, familiariza-se com tramas que envolvem persistência, coragem e resiliência, passa a compreender o Bem e o Mal pela lógica da dicotomia e é estimulada a superar as dificuldades que enfrenta em sua vida. Os exemplos estão em diversos personagens desses contos, como *O Patinho Feio*, *Pinóquio*, *A Bela Adormecida*, *Chapeuzinho Vermelho*, *Cinderela* e *Rapunzel*.

Para exemplificar, na história clássica *O Patinho Feio*, existe uma fonte de consolo para os que sofrem sentimento de inadequação ou isolamento. Tal história alcançou uma autoridade moral que merece muita atenção, pois transmite uma mensagem muito clara sobre autoestima e promessa de transformação. Na história, o personagem central é um patinho que nasce diferente de seus irmãos, pois é um filhote de cisne chocado no ninho de uma pata. Por ser diferente de seus irmãos, o patinho é perseguido, ofendido e maltratado por todos os patos. Ele é considerado feio por não ser igual aos demais, o que o deixa marginalizado em relação aos demais personagens da história.

O patinho passa toda a história buscando encontrar um grupo com características semelhantes às suas, ou seja, busca uma identidade comum, busca a sua superação. A narrativa tem seu desfecho no momento em que o patinho se transforma em um belo cisne, tornando-se “bonito” pelo fato de ser igual a todos desse novo grupo. Dessa forma, ao longo da história, o patinho fica isolado, discriminado devido à sua diferença em relação aos patos do ninho em que foi chocado, sendo aceito somente pelos que são semelhantes a ele, os

cisnes, numa etapa posterior do seu desenvolvimento físico. A busca pela aceitação, pela superação, é algo muito presente no conto, pois o Patinho tem seu conflito resolvido no momento em que tornar-se “igual” o faz ser aceito.

Para que a criança consiga dominar seus dilemas existenciais, ela precisa entender o que está se passando dentro dela mesma. Esta é uma habilidade que pode ser praticada através da interação com a narrativa dos contos de fadas.

Bettelheim demonstrou que “os contos de fadas têm grande sentido psicológico para as crianças de todas as idades” (1980, p.27). Os contos de fadas seriam, por assim dizer, a expressão mais simples do despertar da atenção das crianças e uma ajuda para a tarefa de inculcar-lhe valores e atitudes indispensáveis à formação saudável da sua personalidade. Isto acontece não apenas porque estas narrativas vão ao encontro do estado psicológico e emocional da criança, mas porque retratam de uma forma simples os problemas que lhe são inerentes, de modo a que ela, no seu inconsciente, compreenda e arranje solução para os seus medos, pesadelos e fantasmas. Podemos mesmo considerar os contos de fadas como modelos de iniciação na conduta da criança e meios indiretos que lhe fazem compreender a conquista de certo número de provas para aceder à maturidade, ao mesmo tempo em que lhe fornecem elementos de resposta e ensinam que certos perigos, problemas e situações podem ser ultrapassados com perseverança.

Estes contos são capazes de encantar, pelo seu enredo e personagens; levam a que a criança se identifique com as dificuldades ou alegrias pelas quais passaram os seus heróis e que expressam a condição humana face às adversidades da vida. Deles a criança aprende a tirar lições que se identificam muitas vezes com o seu momento de vida. Assim, quando a criança ouve um conto, revive sentimentos que vão ajudar a enfrentar os seus dilemas ao longo do processo de amadurecimento emocional, o que lhe permite lidar com as adversidades de uma forma saudável e compreender a diferença entre o Bem e o Mal.

É neste sentido que os contos de fadas, que têm um valor construtivo e transmissor de conceitos e de exemplos de vida, facilitam à criança a compreensão de certos princípios básicos de conduta humana ou de convívio social. A criança, ao ouvir e recontar o conto, cria empatia com o herói da narrativa e aprende com ele a defender-se das vicissitudes no seu percurso de vida. Assim, tal como o herói, a criança alcança a sua maturidade e ganha confiança para lidar com os problemas, as frustrações, as alegrias e outros sentimentos próprios da condição humana.

São os contos de fadas que apresentam às crianças o certo e o errado bem definidos, e a expectativa presente – as crianças vão aprendendo na medida em que vão se

familiarizando com a narrativa dos contos de fadas – é a da recompensa do Bem e a punição do Mal. Esta dicotomia possui um caráter organizador, pois se caracteriza em uma primeira organização da interação da criança com o mundo externo, definindo suas conseqüências como boas ou más. Em essência, os contos de fadas são capazes de envolver com seu enredo, e, ao mesmo tempo, instigar a mente e comover com a sorte de seus personagens. Neste processo, cada criança depreende suas próprias lições dos contos de fadas, sempre consoante com seu momento de vida, e extrai das narrativas, ainda que inconscientemente, o que acredita ser o melhor para se identificar, de acordo com seu contexto de vida.

Disseminados por diversas mídias, como televisão, cinema e livros, os contos de fadas tornaram-se uma parte vital de nosso capital cultural. O que os mantém vivos e pulsando com vitalidade e variedade é exatamente o que mantém a vida vibrando: medos, desejos, romances, paixões e amor. Essas aparentemente simples e ingênuas “historinhas infantis” possuem uma estrutura que reflete os traços humanos mais gerais e raramente enviam mensagens sem alguma ambigüidade.

Essas narrativas desempenham um grande e importante papel, pois através delas podemos estudar as mais básicas estruturas do comportamento humano. Para Bettelheim (1980, p.11-12), os contos de fadas permitem que as crianças aprendam mais sobre os problemas íntimos dos seres humanos e sobre as soluções corretas para suas dificuldades em qualquer sociedade do que qualquer tipo de história compreensível por uma criança. Segundo o autor:

Aplicando o modelo psicanalítico da personalidade humana, os contos de fadas transmitem importantes mensagens à mente consciente, à pré-consciente e à inconsciente, seja em que nível for que cada uma esteja funcionando no momento. Lidando com os problemas humanos universais, particularmente os que preocupam o pensamento da criança, essas histórias falam ao seu ego que desabrocha e encorajam o seu desenvolvimento, ao mesmo tempo em que aliviam pressões pré-conscientes e inconscientes. À medida que as histórias se desenrolam, dão crédito consciente às pressões do id, mostrando caminhos para satisfazê-las que estão de acordo com as exigências do ego e do superego (BETTELHEIM, 1980, p.13).

Ainda segundo este autor, os contos de fadas enriquecem a vida da criança e lhe dão uma dimensão encantada, exatamente porque ela não sabe como esses contos produzem esse encantamento sobre ela, pois eles possuem uma riqueza que transcende de longe aquilo que mesmo o mais cuidadoso dos exames pode extrair deles. As personagens e situações dessas histórias personificam e ilustram os conflitos interiores infantis de uma maneira bastante sutil; elas não fazem solicitações, mas reasseguram e dão esperanças para o futuro, sempre oferecendo a promessa de um final feliz (BETTELHEIM 1980).

Bettelheim (1980) nos diz que quando um adulto tenta explicar à criança o motivo pelo qual ela se encontra maravilhada pela história, destrói o seu encantamento, já que esse depende de que a criança não saiba porque está maravilhada, pois por mais corretas que sejam as interpretações adultas, elas retiram da criança a oportunidade de sentir que ela, por conta própria, enfrentou com êxito uma situação difícil. Afinal de contas, se hoje nos tornamos quem somos foi graças aos problemas que tivemos que enfrentar e que nos moldaram. Através dos contos de fadas, a criança pensa e experimenta o mundo, e encontra nele muito mais conforto do que em um esforço baseado em raciocínios e pontos de vista adultos para tentar confortá-la. A criança começa muito cedo a lidar com as fantasias e as emoções ligadas ao desejo e a força estruturante de um conto de fadas é o desejo de o herói levar um certo percurso até ao fim.

Em *A Bela e a Fera*, Bela nunca supôs que por baixo do monstro de aparência terrível havia um príncipe encantado. Isso induz a criança a refletir sobre não se poder julgar pessoas ou as coisas pela sua aparência. Lidamos com uma coisa que depois se revela como sendo outra. E há, sobretudo, a capacidade de amar e de respeitar a diferença, a compreensão de que o afeto e a compaixão provocam metamorfoses na relação com o outro.

Além disso, Bettelheim (1980, p.20) afirma que os contos de fadas divertem as crianças ao mesmo tempo em que esclarecem sobre elas próprias e favorecem o desenvolvimento de sua personalidade, podendo a criança extrair diferentes significados de um mesmo conto de fadas, dependendo de seus interesses e necessidades no momento, pois as crianças lidam com diferentes conflitos ao mesmo tempo. O autor argumenta ainda que, como não podemos saber em que idade um determinado conto será mais importante para uma criança específica, não podemos decidir qual dos vários contos lhe deveria ser contado em um certo momento ou por quê. Só a criança pode determinar e revelar pela força com que reage emocionalmente àquilo que o conto evoca na sua mente consciente e inconsciente. A criança indicará que certa história se tornou importante para si, ou respondendo-lhe de imediato, ou pedindo para que seja contada repetidas vezes. Se tudo correr bem, o entusiasmo pela história será contagioso. Finalmente, chegará o momento em que a criança terá obtido todos os significados da história preferida, referentes aos conflitos que correspondiam a ela. Então, os conflitos serão substituídos por outros que encontram melhor expressão em outro conto.

Acredito que para uma melhor compreensão do que foi relatado sobre a importância desses contos para o desenvolvimento psíquico e formação de valores na personalidade das crianças, posso citar neste momento o conto de fadas *Cinderela*. Mesmo em meio a um turbilhão de provações, Cinderela permanece pura de coração. Nada parece abalar suas

virtudes, suas qualidades, sua doçura, sua humildade exemplar, que servem de escudo para que ela possa suportar as numerosas investidas malélicas da madrasta e suas invejosas filhas. É a humildade que a faz resistir a todas às etapas dolorosas, mas fundamentais, do crescimento interior e da descoberta das próprias potencialidades. Cinderela recebe auxílio, por meio da intervenção oportuna de um ser iluminado enviado para defendê-la e lhe conceber os instrumentos necessários a sua transformação – sua fada madrinha – que, na noite do baile, vem em seu socorro, tirando-a das cinzas e munindo-a com os apetrechos necessários à transformação e à caracterização como a mais bela das princesas. Uma princesa capaz de conquistar o amor redentor, o que acarretará em suas opositoras sensações de rejeição, de frustração e de inveja, armas equivocadamente utilizadas para maltratar a heroína ao longo da história.

Cinderela aponta os caminhos mais difíceis, porém mais importantes, para que as crianças possam construir uma existência voltada à ética e ao bem coletivo. Mesmo aparentemente frágil e indefesa, Cinderela, traz em si a fortaleza que caracteriza as pessoas que têm em seus sonhos um porto seguro no qual encontrarão tranquilidade ao fim de violentas e perigosas aventuras. O final da história revela para as crianças que o importante é preservar a bondade, a pureza e a humildade, valores renovadores que nos dão coragem para continuar a lutar e ensinam a dançar, com potência e graça, a valsa de nossa história. Não é por outro motivo que a trajetória da jovem humilhada pela madrasta e pelas suas filhas vem comovendo gerações há séculos.

2.4 Os contos de fadas e a busca do significado para a criança

Segundo Bettelheim (1980), a interação do homem com o meio social e cultural em que está inserido, acontece, também, como uma busca de satisfação, decorrente da maior e mais difícil tarefa do ser humano: a de encontrar significado em sua vida. Quando não ocorre o encontro de tal sentido, perde-se o desejo de viver. Conseguir encontrá-lo será uma constante, marcada pelo esforço pessoal de vencer as barreiras de uma vida voltada para si mesmo.

Nessa perspectiva, ter um controle das emoções interiores pode ser uma proposição relevante para se enfrentar as dificuldades provenientes das relações interpessoais. Para a criança, o processo de domínio emocional e de interação social é um tanto complexo, visto que, quanto menor a idade, menor, também, a quantidade significativa de experiências

capazes de constituir para ela modelos interiores, possibilitando-lhe a utilização dos processos de combinação e de reprodução.

A psicanálise aplicada aos contos de fadas, de acordo com Bruno Bettelheim (1980) e Diana e Mário Corso (2006), nos ajuda a compreender muitos significados da própria vida, como as angústias e as dificuldades do crescimento, que a criança enfrenta, levando em consideração os elementos psicanalíticos e os assuntos relacionados à psique humana.

Para Bettelheim (1980, p.16), a forma e a estrutura dos contos de fadas sugerem imagens à criança com as quais ela pode estruturar seus devaneios e, com eles, dar melhor direção a sua vida. Assim, diante de uma situação conflituosa, a criança pode tanto apresentar uma necessidade de compreender sentimentos e emoções como, também, mostrar-se um ser em busca de ideias, de formas de condutas para sanar seus problemas.

Segundo Diana e Mário Corso (2006), os contos de fadas, assim como as histórias voltadas para a infância, são de extrema importância para o desenvolvimento infantil, pois seus enredos ajudam os meninos e meninas a compreender, elaborar e simbolizar o mundo, que por muitas vezes os amedronta e angustia; estes elementos auxiliam na compreensão dos medos e na preparação das crianças para o entendimento do mundo adulto.

Embora muitos adultos acreditem que somente histórias agradáveis e otimistas devam ser apresentadas às crianças, devemos lembrar que a vida real não é feita só de sorrisos e alegrias.

Como já mencionado anteriormente, não se deve explicar os significados dos contos para as crianças. Ao adulto, no entanto, cabe selecionar as histórias apropriadas ao nível de desenvolvimento da criança, bem como à personalidade e à maturidade, e às dificuldades específicas com que ela se encontra no momento. Isso não garante, contudo, a identificação da criança com o conto, como também já foi mencionado anteriormente. Bettelheim afirma ainda que “a compreensão do narrador sobre os níveis de significado da história facilita à criança extrair pistas dessas estórias para entender melhor a si própria” (1980, p.190).

Quando negamos temas como maldade, morte e sofrimento, difundindo-lhes a ideia de que todos os homens são bons, acabamos prejudicando as crianças, pois estas sabem que elas não são sempre boas. E se, por vezes são, prefeririam não ser. Mas, se isso contradiz o que os adultos lhes dizem, elas acabam se vendo como monstros.

Ao contrário disso, os contos de fadas, em suas tramas simples e encantadoras, demonstram às crianças que os conflitos existem, mas que podem ser superados, permitindo que a vitória seja obtida. É por isso que, em grande parte dessas narrativas, o herói precisa enfrentar ou superar algum obstáculo para finalmente triunfar.

Assim, como na realidade humana, nos contos de fadas, a maldade é tão presente quanto a bondade, e quase sempre essa maldade aparece corporificada. No caso da dualidade fada/bruxa, muitas vezes, o Mal possui suas atrações, como a bela rainha malvada em *Branca de neve e os sete anões*, ou o poderoso gigante em *João e o pé de feijão*. O Mal até mesmo triunfa em alguns momentos, mas sua derrota no final da história ensina aos pequenos que o crime não compensa. Além disso, as crianças não fazem suas escolhas pela distinção entre o certo e o errado, mas sim por quem desperta a sua empatia, ou seja, elas não escolhem o personagem porque ele é bom, mas o escolhem porque desejam parecer com ele.

É interessante destacar que, em muitos contos de fadas, o herói precisa enfrentar a floresta, ou seja, abandonar a casa, o seu lugar de aconchego e ir em busca de seus objetivos, na maioria das vezes sozinho, tendo que lidar com o desconhecido, com o mistério, com o perigo. Nesse sentido, a floresta simboliza o mundo, com seus perigos e obstáculos que, cedo ou tarde, terão de ser enfrentados pelas crianças.

A característica principal das narrativas dos contos de fadas é a colocação de um dilema existencial de forma breve e categórica, um problema comum, mas de difícil resolução. Por exemplo, a morte de um dos pais, como é descrito em *Branca de Neve e os sete anões* ou em *Cinderela*. Os textos apresentam situações nas quais a criança reconhece o drama existente – a ausência de uma pessoa significativa e a convivência familiar, as dificuldades de relacionamento entre pais e filhos e entre irmãos – podendo ou não se identificar com as personagens ou com as circunstâncias dramáticas.

De acordo com Diana e Mário Corso (2006), os contos ajudam na construção da subjetividade, apresentam soluções para os mistérios vividos pelos personagens da trama, ilustram de maneira representativa os conflitos da infância e da vida familiar, a partir de elementos conscientes e inconscientes.

Ao ouvir essas histórias, as crianças inconscientemente sentem-se encorajadas a enfrentar a sua realidade futura e,

fazendo-o encontrará também o outro com quem será capaz de viver feliz para sempre, isto é, sem nunca mais ter de experimentar a angústia da separação. O conto de fadas é orientado para o Só partindo para o mundo é que o herói dos contos de fadas (a criança) pode se encontrar nele; o futuro é que conduz a criança – em termos que ela pode entender tanto na sua mente consciente quanto na inconsciente – a abandonar seus desejos de dependência infantil e a alcançar uma existência independente mais satisfatória (BETTELHEIM, 1980, p.19).

Diferente de qualquer outra forma de literatura, os contos de fadas proporcionam à criança a descoberta de sua identidade e vocação, além de sugerirem experiências necessárias ao desenvolvimento de seu caráter, pois eles lhes dão a entender que uma vida simples e

compensadora está ao alcance de quem não se intimida frente às lutas arriscadas e para os medrosos que não se arriscam à autodescoberta, resta somente uma existência enfadonha. Os contos de fadas tornam-se parte do nosso pensamento e expressão cotidianos e nos ajudam a moldar nossas vidas.

Diana e Mário Corso (2006), afirmam a capacidade de sobrevivência dos contos de fadas que continuam encantando crianças até mesmo das gerações voltadas aos computadores, videogames e jogos eletrônicos. Isso consiste no poder dos contos de simbolizar ou ajudar a resolver os conflitos psíquicos inconscientes que ainda estão presentes nas crianças de hoje. Segundo os autores, para o ouvinte infantil, não faz muita diferença se a história aconteceu no passado ou se ela é contemporânea, pois ela possibilita para a criança a capacidade de se identificar com personagens, fazendo com que se interesse por narrativas mais extravagantes, que não correspondem a questões atuais do mundo.

Os mesmos autores informam ainda que as crianças continuam interessadas no mistério e também fascinadas por tudo que desperte sentimentos de medo. O medo é caracterizado pela fantasia e invenção, que provêm de fontes do mistério, do sagrado e do imaginativo. O medo pode ser provocado pelas vastas zonas sombrias, ou seja, pelo desconhecido. Assim, também é desenvolvido o sentimento de curiosidade e a disposição para a coragem que supera a defesa da sobrevivência.

No mesmo livro, Corso e Corso (2006) relatam que Bettelheim demonstra um enfoque ao qual poderíamos chamar de *darwiniano* dessa relação bem sucedida, acreditando que as tramas que sobreviveram ao longo dos tempos foram aquelas que ofereciam oportunidades para representar conteúdos do inconsciente infantil, ou seja, as que foram capazes de se adaptar às necessidades atuais. Para Bettelheim, há uma seleção ativa por parte das crianças e suas famílias, no sentido de escolher e usar certas histórias como se fossem um esquema no qual se apoiar para suas próprias elaborações. Cada história tem em si uma mensagem, um desafio e um desfecho que, para cada criança, interessa ouvir em determinado momento de sua vida. Nesta perspectiva, o casal Corso concorda com o autor.

Neste contexto, os contos de fadas são histórias que nos tocam profundamente e nos conquistam. Essa conquista é coletiva e ocorre na mais tenra idade, quando ainda vivemos no período mais frutífero e repleto de significados: a infância. É nele que vivenciamos as experiências, as fantasias, os jogos, as alegrias e dramas que vão moldar nossa personalidade, nosso caráter, nosso jeito de ver, interagir e de viver o mundo.

2.5 Características e conceitos fundamentais dos contos de fadas: imaginário infantil, fantasia, conflitos internos.

O imaginário pode ser compreendido como um dos elementos construtores da personalidade das crianças, pois apela para modelos sociais fazendo com que a criança descubra-se em relação ao outro, elaborando o seu ideal de eu, tomando por base, mais imediatamente, as pessoas de seu convívio. Assim, podemos dizer que o imaginário é tudo para o que não podemos estabelecer fronteiras entre o real e o que estamos imaginando.

A narração dos contos de fadas age como uma ponte entre o imaginário e o real, apresentando o dinamismo das diferentes culturas, e representa a estrutura das realidades sociais das crianças. Ou seja, é um espaço de significações, aberto às emoções, ao sonho e à imaginação, funcionando como caminho para que a criança pense a sua condição social, seu pertencimento, fazendo emergir conflitos e valores que, de outra maneira, talvez não fosse possível expressar e representar. Ao ouvir um conto de fadas, o imaginário da criança é acionado e, inconscientemente, atinge emoções provocadas pelos medos, frustrações, amores, desejos, sentimentos os mais variados.

Para Bettelheim (1980), os contos de fadas possibilitam processos de externalização daqueles sentimentos que estão internamente ligados com quem os lê, tornando-os compreensíveis quando são representados pelos personagens das histórias e seus acontecimentos. Assim, os contos de fadas se tornam de extrema importância para o crescimento e compreensão do mundo imaginário vivenciado pela criança.

A criança necessita penetrar no seu universo interior, que é a sua caverna íntima. Os contos podem ajudá-la a adentrar essa caverna e atingir a compreensão para lidar com seus conflitos. Não a compreensão racional da natureza e do conteúdo de seu inconsciente, mas a familiaridade com este inconsciente, através de devaneios prolongados, pensando, reorganizando e fantasiando sobre elementos da história que lhe são significativos, em resposta a pressões inconscientes, o que a capacita a lidar com este conteúdo. Nessa perspectiva, os contos de fadas têm um valor inigualável, já que oferecem novas dimensões à imaginação da criança, o que ela não poderia descobrir verdadeiramente por si só, além de ajudá-la a elaborar e até mesmo a resolver, a sua maneira, conflitos e enfrentar desafios concretos na vida cotidiana.

A luta com os monstros internos, externada através das histórias, mostra-se com clareza na torcida que os pequenos ouvintes fazem pelos heróis. As crianças não aceitam o perdão para a madrasta de Cinderela, por exemplo. Elas têm que vivenciar o Mal na história e

depois vencer, e quando, então, elaboram medos e ódios, conseguem se livrar de seus próprios monstros. Não é à toa que as crianças gostam tanto que o narrador repita as histórias ou passagens mais interessantes. Quando elas pedem para repetir é porque a história calou fundo, e elas estão elaborando seus problemas.

Pode-se afirmar que os contos de fadas são as narrativas que estabelecem melhor relação com a criança, pois, como se encontram no plano do maravilhoso, estão carregados de sonho e de magia, cujas transformações ocorrem em um espaço e em um tempo diferentes dos da vida cotidiana. Essas narrativas oferecem à criança, portanto, materiais poderosos para a criação de uma nova história encantada. Como enfatiza Jacqueline Held:

[...] a temática do conto instaura entre os seres e as coisas um modo de relação que ultrapassa a lógica adulta estrita, mas que vem ao encontro dos desejos da criança e os preenche. O “Era uma vez” constitui o “Abre-te Sésamo” de um universo de liberdade onde tudo pode acontecer (HELD, 1980, p. 44).

O imaginário, como se percebe, ultrapassa o campo das representações tangíveis, sendo um processo que consiste em utilização, em formação e em expressão de símbolos por meio da linguagem. É o portal entre o espaço imaginário (do inconsciente, do mistério, do enigma) e o espaço real, pelo qual a vida se cumpre.

As narrativas dos contos de fadas são escritas de modo especial, uma vez que a sua linguagem possibilita que o pequeno ouvinte viva sensações como se ele estivesse participando das aventuras. A criança percebe que as situações apresentadas são idênticas às suas, porém com a presença do maravilhoso, e terminam com a frase “e viveram felizes para sempre”. Isso permite que ela acredite no que o conto diz, já que a forma mágica e otimista de ver o mundo que a história apresenta está de acordo com a sua. A criança estabelece, assim, um diálogo entre as suas questões interiores e exteriores de maneira mágica, pois quando participa desse universo da fantasia, sua imaginação aciona-se, propiciando o recriar, de acordo com os seus desejos, de um outro mundo.

Esse outro mundo recriado pelo pequeno é produto do seu imaginário, que se ativa ao ler ou ouvir contos de fadas. Durante esse processo, a criança passa a atribuir significados diferentes, conforme a sua experiência vivida, ao objeto, e cria novas imagens. Como apontam Laplantine e Trindade:

Como processo criador, o imaginário reconstrói ou transforma o real. Não se trata, contudo, da modificação da realidade, que consiste no fato físico em si mesmo, como a trajetória natural dos astros, mas trata-se do real que constitui a representação, ou seja, a tradução mental dessa realidade exterior. O imaginário, ao libertar-se do real que são as imagens primeiras, pode inventar, fingir, improvisar, estabelecer correlações entre os objetos de

maneira improvável e sintetizar ou fundir essas imagens (LAPLATINE; TRINDADE, 2003, p 27).

É fascinante reconhecer o quanto a leitura de um conto de fadas é capaz de explorar a imaginação, mexer com os sentimentos mais íntimos e contribuir no desenvolvimento da criatividade, da fantasia e até mesmo da personalidade humana.

Bettelheim diz que “as respostas que os contos de fadas oferecem são mais fantásticas do que verdadeiras” (1980, p. 61), até porque essas histórias não pretendem descrever o mundo tal como é, mas o contrário, o que a criança vê como real. Há nelas um mundo repleto de fantasia para que o pequeno possa brincar com os elementos simbólicos apresentados e, a partir desse estímulo, desenvolver a sua imaginação. Segundo Jacqueline Held, “a imaginação como a inteligência ou a sensibilidade, ou é cultivada, ou se atrofia. Pensamos que a imaginação deve ser alimentada” (1980, p. 46).

Os contos de fadas são caracterizados pela presença de seres, objetos e lugares sobrenaturais, tais como bruxas, fadas, dragões, varinhas de condão e reinos enfeitiçados que existem fora da lógica real do tempo. Por isso, cada elemento dos contos de fadas tem um papel significativo, importantíssimo e, se for retirado, suprimido ou atenuado, vai impedir que a criança compreenda integralmente o conto. Por isso se condena tanto o que Walt Disney fez com os contos de fadas. Ao adocicá-los, pasteurizá-los, ao retirar-lhes os conflitos essenciais, tirou também toda a sua densidade, significado e revelação (ABRAMOVICH, 1997, p.121).

Abramovich (1997, p.22) acredita ser fundamental o respeito em relação aos elementos do conto, com suas facetas de crueldade, angústia, sua plenitude e o corpo da narrativa, pois, para a autora é inadmissível que o contador ou o leitor tente adocicar o conto, retirando de sua essência os conflitos necessários. Para Bettelheim (1980), a agressividade e o descontentamento com irmãos, mães e pais são vivenciados na fantasia dos contos: o medo da rejeição é trabalhado em *João e Maria*, a rivalidade entre irmãos em *Cinderela* e a separação entre as crianças e os pais em *Rapunzel* e *O Patinho Feio*. Quando a criança entra no mundo da fantasia e da imaginação de um conto de fadas, ela elabora hipóteses para a resolução de seus problemas e toma atitudes que vão além daquela de sua experiência cotidiana, buscando alternativas para transformar a realidade. “Os contos de fadas são recursos de que as crianças dispõem para desenhar o mapa imaginário que indica seu lugar na família e no mundo” (CORSO; CORSO, 2009, p. 18).

No faz de conta, seus desejos podem facilmente ser realizados quantas vezes a criança desejar, criando e recriando situações que ajudam a satisfazer alguma necessidade

presente em seu interior. É durante as atividades imaginativas que a criança consegue enfrentar certos problemas e resolver angústias que não saberia sequer explicar verbalmente.

Habitar essas vidas de fantasia é uma forma de refletir sobre destinos possíveis e cotejá-los com o nosso. Às vezes, uma história ilustra temores de que padecemos, outras, encarna ideais ou desejos que nutrimos, em certas ocasiões iluminam cantos obscuros do nosso ser. O certo é que escolhemos aqueles enredos que nos falam de perto, mas não necessariamente de forma direta, pode ser uma identificação tangencial, enviesada (CORSO; CORSO, 2006, 20).

O mundo da fantasia não pode ser encarado como um desvio ou um caminho errado em relação às normas do mundo do adulto, pois ele indica que a criança precisa passar por ele e desejar crescer para que isso aconteça. O prazer de habitá-lo está ligado com o gosto que as crianças têm pelo perigo, pelo medo e pela aventura. Não interessa para as crianças um paraíso sem conflitos, elas desejam o medo, sentem prazer no mistério e no desafio, aos quais respondem com sua fantasia.

A narração dos contos de fadas facilitando o acesso ao mundo da fantasia e do fantástico estimula a criatividade, bem como a construção de uma identidade pessoal. Isso ocorre porque a arte fertiliza a imaginação das crianças. A fantasia faz parte do universo do imaginário, e é apresentada por Diana e Mário Corso assim: “A paixão pela fantasia começa muito cedo, não existe infância sem ela, e a fantasia se alimenta da ficção, portanto não existe infância sem ficção” (2006, p. 17).

Como a criança ainda não consegue diferenciar o existente e o imaginado, todas as linguagens lhes interessam para compor o repertório imaginário, fazendo com que ela consiga trabalhar suas necessidades em relação a seu mundo de desejos.

De acordo com Diana e Mário Corso (2006), as crianças continuam interessadas no mistério e também fascinadas por tudo que desperte sentimentos de medo. Nas histórias encontramos sempre elementos assustadores que ensinam a criança a conhecer e enfrentar o medo. Os pequenos procuram o medo, assim curiosos, exigem que o narrador repita várias vezes as passagens mais amedrontadoras dos contos de fadas.

Em função disso, o tema das madrastas invejosas e más – em *Branca de Neve e os sete anões* e *Cinderela*, por exemplo – interessa muito às crianças, porque fazem com que percebam a rivalidade das mães em relação a suas filhas e também fazem com que percebam indiretamente o mito da perfeição do amor materno. Nas histórias *João e Maria* e *Pequeno Polegar*, as crianças se interessam em saber os limites do amor materno. Assim, podemos afirmar que ouvir histórias é um recurso muito importante para as crianças desenharem seus mapas imaginários que indicam seus lugares, na família e no mundo.

A fantasia ocupa um lugar muito importante nos primeiros anos da vida das crianças, ela facilita a compreensão das informações das mesmas, pois se aproxima mais da maneira como veem o mundo, já que ainda são incapazes de compreender respostas realistas. Não esqueçamos que as crianças dão vida a tudo. Para elas, o sol é vivo, a lua é viva, assim como todos os outros elementos do mundo, da natureza e da vida.

Bettelheim (1980) acredita que, através dos contos de fadas, a criança alicerça seu sofrimento com conhecimentos, pois quanto mais alternativas ficcionais forem oferecidas para as crianças, mais elas conseguem elaborar e organizar seus dramas. Desta forma, para melhor definição de uma boa história favorecendo a fantasia e o desenvolvimento, Diana e Mário Corso afirmam que:

Histórias não garantem a felicidade nem o sucesso na vida, mas ajudam. Elas são como exemplos, metáforas que ilustram diferentes modos de pensar e ver a realidade e, quanto mais variadas e extraordinárias forem as situações que elas contam, mais se ampliará a gama de abordagens possíveis para os problemas que nos afligem. Um grande acervo de narrativas é como uma boa caixa de ferramentas, na qual sempre temos o instrumento certo para a operação necessária, pois determinados consertos ou instalações só poderão ser realizados se tivermos a broca, o alicate ou a chave de fenda adequados. Além disso, com essas ferramentas podemos também criar, construir e transformar os objetos e os lugares (CORSO; CORSO, 2006, p.303).

Através dos contos, a criança adéqua o conteúdo inconsciente às fantasias conscientes. Para que ela possa superar os problemas psicológicos do crescimento, obter um sentimento de individualidade, de autovalorização, e um sentido de obrigação moral, necessita entender o que está passando dentro de seu inconsciente.

A criança intuitivamente compreende que, embora as histórias não sejam reais, também não são falsas. Ela sabe que, ao mesmo tempo em que os fatos narrados não acontecem na vida real, eles podem ocorrer como uma experiência interna e de desenvolvimento pessoal, já que os contos de fadas retratam, de forma imaginária e simbólica, os passos essenciais do crescimento e da aquisição de existência independente.

Conforme relata Bettelheim (1980), as superações dos conflitos do crescimento infantil auxiliam a criança a compreender seu consciente, seus conteúdos manifestos e latentes e assim enfrentar o que se passa no seu inconsciente. É considerável ressaltar que, independente da maneira pela qual o conto de fadas chegue à criança, é importante que seja contado. Raramente o conto falha em sua “contribuição”, pois o que permanece para a criança é o que resplandeceu na sua subjetividade (CORSO; CORSO, 2006).

Por isso, os contos de fadas têm ampla aceitação pelas crianças, pois despertam a curiosidade e oferecem farto material e bons efeitos para os processos de subjetivação e de elaboração das crianças, que podem até conseguir elaborar e solucionar conflitos e situações,

aos quais, de outra forma, não teriam acesso ou dicas de como explorar para encontrar suas próprias soluções (BETTELHEIM, 1980).

Com isso, a incapacidade da criança de lidar na vida real com as incoerências e manifestações opostas em si mesmas, pode ser deslocada para os personagens dos contos de fadas. Como já disse anteriormente, é comum uma criança pedir para ouvir uma mesma história diversas vezes. A repetição, na verdade, é uma forma de ajudá-la na elaboração dos seus próprios conflitos.

Deve-se estar atento quando uma criança pede para que se repita determinada história, não negando a ela esse direito. Essa determinada história provavelmente trata de questões com as quais a criança está lidando, e enquanto não se esgotar esse conflito, a criança irá procurar outra vez a mesma história para alcançar através dela o seu final feliz. E, mesmo que o adulto se dedique a encontrar a história mais adequada para cada criança, só elas mesmas são capazes de realizar a identificação do enredo com os seus conflitos.

Bettelheim (1980) ainda nos diz que a criança extrairá significados diferentes de uma mesma história, de acordo com o momento e os conflitos que atravessa. Segundo o autor, o adulto não deve explicar para a criança porque ela está maravilhada com determinado conto, porque além de tirar o encantamento da história:

As interpretações adultas, por mais corretas que sejam, roubam da criança a oportunidade de sentir que ela, por sua própria conta, através de repetidas audições e de ruminar acerca da estória, enfrentou com êxito uma situação difícil. Nós crescemos, encontramos sentido na vida e segurança em nós mesmos por termos entendido ou resolvido problemas pessoais por nossa própria conta, e não por eles nos terem sido explicados por outros. (BETTELHEIM, 1980, p.27).

A criança pode escutar a mesma história várias vezes, e, a cada leitura, ela se agarra a um personagem único e vai elaborando seu conflito interno que está expresso neste personagem, e, isso, dependerá do momento que esteja vivenciando. Segundo Bettelheim, isso acontece porque o contexto narrativo dos contos, “procedendo da mesma forma que a mente infantil, ajudam à criança mostrando-lhe como uma clareza superior pode emergir de toda fantasia” (1980, p.77).

Se as pressões internas da criança predominam, o que pode ocorrer com frequência, um caminho possível será a externalização dos seus sentimentos através da criação imaginária, da fantasia e da linguagem. No desenrolar da narrativa, a imaginação, a emoção e o intelecto se juntam e dão suporte à construção e à expressividade do desenvolvimento infantil por meio do imaginário, devido ao valor e significado que a história possui para a criança.

Os contos ajudam a criança a desenvolver esses valores, a fazer opções sobre quem quer ser, auxiliam-na a ultrapassar os seus próprios medos, angústias e despertam-na para o sentido de solidariedade, de respeito e de estima pelos outros. Na companhia dos contos de fadas, crescer torna-se um processo agradável e menos solitário para a criança, na medida em que vai resolvendo os seus mais íntimos receios e mistérios.

Os conflitos das crianças são concretos, reais e os dos personagens são imaginários, tidos pelas crianças como reais, por isso acontece a identificação das crianças. Bettelheim (1980) relata o caso de uma criança de cinco anos: a mãe trabalhava o dia todo, ele não tinha pai, e a avó que cuidava dele iria para o hospital. Neste momento de sua vida, o menino pediu para que lessem a história de Rapunzel, que é trancada numa torre por uma feiticeira e usa suas tranças para sair. Para ele, dois pontos nessa história foram importantes: a proteção (torre) trazida por uma mãe substituta (feiticeira) e o fato de que Rapunzel achou meios de escapar de sua condição em seu próprio corpo (as tranças). Dessa forma, o menino reassegurou-se de que, se necessário, encontraria similarmente a fonte de segurança no seu próprio corpo, lidando com seu conflito básico que era a falta de proteção e o medo de ficar sozinho.

O conto de fadas confronta-nos, sem rodeios, com as exigências básicas do homem. Por exemplo, muitos contos de fadas começam com a morte da mãe ou do pai. O pai de Cinderela era um cavalheiro bem-humorado, bonito, rico e que amava sua filha, esbanjando cuidado, ternura e bondade sobre ela. A mãe de Cinderela morreu quando sua filha era muito jovem. Apesar do fato de que ele fez de tudo para tornar a vida de sua filha luxuosa e confortável, ele ainda sentia que ela precisava de uma figura materna, e por isso ele se casou com a Madame Tremaine, que tinha duas filhas, Anastasia e Drizella. Neste conto, a morte cria problemas angustiantes, como a própria morte ou o medo dela o fazem na vida real.

Outros contos falam de um pai idoso que decide que chegou a altura de a nova geração tomar as rédeas, como por exemplo, o conto *As três penas*, em que o rei, ao ficar velho e fraco, começou a pensar no seu fim e não sabia qual dos seus filhos deveria herdar o seu reino. Contudo, antes que a posse acontecesse, o sucessor teria de provar ser capaz e digno de herdar seu trono.

Bettelheim (1980) afirma que através dos contos de fadas a criança se confronta com muitas características fundamentais do ser humano, isso ocorre porque nos contos de fadas existe um dilema existencial, tratado de maneira breve e decisiva, permitindo à criança compreender sua essência. Os personagens dos contos são ambivalentes, como os seres humanos são na vida real. Essa polarização que domina os contos de fadas também domina a

mente da criança independente da idade e sexo do herói da história, afirma o autor, e oferece esperança para o futuro ofertando a promessa de um final feliz.

3 ANÁLISE DA EXTERNALIZAÇÃO DOS CONFLITOS INFANTIS APÓS NARRAÇÃO DO CONTO DE FADAS *A BELA ADORMECIDA*

3.1 As crianças e suas externalizações

O estágio do sétimo semestre do curso de Pedagogia da UFRGS, em uma turma de Educação Infantil com crianças de cinco a seis anos, serviu de fonte essencial para a realização deste trabalho, visto que permitiu, a partir da experiência vivenciada nas narrações dos contos de fadas, perceber a importância dos mesmos como elementos mediadores de aprendizagens e expressão de sentimentos.

A análise que se pretende fazer neste capítulo refere-se a contextos específicos do estágio, mais precisamente, aos momentos em que eu, como professora e narradora de contos de fadas, pude perceber a mobilização das crianças – algumas mais, outras menos – revelando informações sobre suas vidas pessoais e manifestando sentimentos, hipóteses e elaborações sobre eles. Essa análise teve como fundamentação os teóricos que apresentam os contos de fadas como um agente significativo para a construção do imaginário infantil e, conseqüentemente, para a resolução de conflitos internos.

Procurei, neste capítulo, articular a simbologia dos contos de fadas com questões inconscientes e fatos reais das vidas de algumas daquelas crianças, minhas alunas, revelados por meio de falas e diálogos entre elas e delas comigo. E, para objeto de análise desse trabalho foi selecionado o conto de fadas *A Bela Adormecida*, na versão dos irmãos Grimm (em alemão *Brüder Grimm*).

A turma Vida¹ era composta por dezessete crianças, sendo onze meninas e seis meninos. De modo geral, o grupo era muito esperto, comunicativo e entrosado, pois já estavam juntos havia muito tempo (frequentavam aquela escola, em turno integral, desde o primeiro ano de vida). As crianças se relacionavam bem umas com as outras, visto que auxiliavam os amigos na prática das atividades (como recorte, colagem) e compartilhavam o material sem nenhum problema. Foi possível perceber também que gostavam de participar das atividades propostas pelos educadores e de trabalhar em grupos. Apresentavam a fala bastante desenvolvida (o que poderá ser comprovado mais adiante, com as falas sobre as narrativas), demonstravam ter muita energia e tinham facilidade em manter a sala organizada.

¹ **Vida** é um nome fictício que identifica a turma com a qual trabalhei no estágio que utilizarei como foco para a análise deste trabalho. Assim como o nome da turma, os nomes dos alunos também foram alterados, no intuito de preservar a identidade das crianças.

A rotina matutina das crianças da turma Vida era sempre a mesma. As crianças chegavam às 08 horas, penduravam suas mochilas nos ganchos das paredes e levavam suas agendas até a professora titular para a verificação de algum recado dos responsáveis. Feito isto, iam brincar com os amigos. Ao voltar do café da manhã, aconteciam as atividades que eram propostas por mim, sem interferência da professora titular. Lembro, aqui, que jamais quis impor nenhuma atividade, sempre acreditei e me referi às propostas de atividades como um convite – convidava as crianças a participarem. Cabia a elas aceitar ou não e, para minha alegria, aceitavam meu convite.

Neste estágio minhas responsabilidades estavam restritas às atividades que propunha às crianças em sala de aula, nas quais a professora titular não tomava parte. O encerramento da minha atividade com a turma ocorria ao meio-dia. E à tarde, as crianças continuavam na escola sob a supervisão de outra professora titular.

Ao final do mês de setembro, mais precisamente no dia 29/09, uma segunda-feira chuvosa, em meio a um momento estaque da minha prática, quando algumas crianças haviam terminado as atividades dirigidas para aquele dia, resolvi ir até a biblioteca escolher um livro, e, claro, as crianças me pediram se poderiam ir junto comigo. Mesmo contra a vontade da professora titular da turma, que não gostava que as crianças saíssem da sala, tomei coragem e permiti. Coragem sim, porque era início de estágio e acabei contrariando um acordo estabelecido anteriormente entre a professora titular e eu.

Na biblioteca, com centenas de livros de histórias infantis, tive a ideia de pegar o maior livro que encontrasse. Lembro-me que este livro não estava a uma altura que alguma criança da turma Vida pudesse alcançar. Quando abri o livro, vi que continha todos os famosos contos de fadas da Disney. Era um livro grande, colorido e com muitas ilustrações. Olhei para as crianças e perguntei se poderia ser aquele livro; na mesma hora fui indagada pela turma sobre qual seria o conteúdo do grande livro. Disse então: contos de fadas. Pronto, bastou ter falado essas palavras para que as crianças já começassem a me puxar. Colocaram-me sentada em cima de uma poltrona na qual eu nem cabia direito e me disseram para começar a ler. Assim, a atividade que eu pretendia desenvolver em sala de aula acabou acontecendo na biblioteca mesmo.

Por votação da maioria, o conto escolhido foi *A Bela Adormecida*. As crianças demonstraram verdadeira paixão por este conto, e, por coincidência ou destino, este conto sempre foi o meu preferido.

As crianças já haviam escutado o conto *A Bela Adormecida* na rotina do grupo. A professora titular da turma me disse que já havia contado essa história às crianças. Porém,

com seus pedidos percebi que desejavam muito escutar novamente. A narração do conto de fadas *A Bela Adormecida* desencadeou na turma uma reação eufórica, a partir da qual as crianças passaram a expressar seus anseios, medos, desejos, alegrias e questionamentos, muitos deles relativos às suas vidas. Nesses momentos, elas transformavam o mundo real em função de seus desejos e fantasias.

Durante a narração deste conto, percebi olhares atentos e falas diferenciadas do que até então estava acostumada. Estas falas apresentavam questões familiares, mais propriamente de suas vidas particulares e a vida de seus pais, avós ou responsáveis. Também falavam de seus sentimentos, como o amor e a saudade por algo ou alguém. Ouvi, inclusive, um relato de um dos meninos, Maurício (6 anos), que contou à turma exatamente como seu pai havia falecido, o que havia acontecido recentemente. Maurício contou que seu pai saiu para trabalhar pela manhã logo cedo em sua moto, perdeu o controle ou o equilíbrio e veio a colidir com uma árvore na esquina de uma rua. Contou que seu pai morreu porque bateu a cabeça. Fiquei surpresa com o relato tão espontâneo e profundo do menino. Ao final de uma das manhãs, tive a oportunidade de me encontrar com a mãe de Maurício, que confirmou toda a história que ele havia contado.

Voltando ao momento da narração de *A Bela Adormecida*, na biblioteca, me deparei com uma sequência de relatos sobre perdas de pai, de irmão, de avós, e também sobre sentimentos importantes, como raiva, tristeza, saudade, amor, insegurança, que fluíam de forma bastante natural. A cada vez eu ia ficando mais intrigada e, ao mesmo tempo, inquieta em relação ao poder que os contos de fadas exercem sobre nós.

Observei que, através do contato que aquelas crianças da turma Vida tiveram com o conto *A Bela Adormecida*, elas passaram por várias etapas do seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social, pois o conto sinalizou e nomeou figuras, passando-as para a leitura do faz de conta. As crianças foram conduzidas a experimentar situações reais no imaginário; por meio da fantasia, externalizaram sentimentos importantes, vivenciando-os através das personagens do conto com as quais mais se identificavam.

Mediante tal situação, refleti também e me propus a levar as crianças a se aventurarem, trabalhar com suas emoções e sentimentos, descobrindo novas experiências por meio da narração dos próximos contos. Assim, desde o início da minha intervenção docente, desenvolvi o hábito da roda de narração dos contos de fadas, por acreditar que dessa maneira poderia estabelecer um contato mais íntimo com as crianças.

Por conseguinte, compor uma roda de narração de contos de fadas cativante para as crianças tornou-se o meu grande desafio. Busquei criar ambientes de surpresa e mistério, ora

apagando as luzes da biblioteca ou da sala, ora fechando a porta e deixando as crianças do lado de fora, para, assim, colocá-las em posição de expectativa e curiosidade. Na medida em que o tempo passava, eu ia atraindo o grupo pela novidade em relação a esse momento de narração dos contos de fadas, algumas vezes com a amostragem de capas de diferentes livros, outras com as almofadas postas em roda na sala ou na biblioteca, outras ainda com uma caixa colorida que dentro trazia figuras dos personagens dos contos de fadas em papel, etc. Enfim, a roda de narração dos contos de fadas funcionou tão bem, que acabou se tornando a atividade mais pedida pelas crianças da turma Vida durante meu período de estágio de docência compartilhada.

O ambiente onde a roda da narração era realizada dependia das possibilidades oferecidas a cada dia. Na maioria das vezes, a roda acontecia na biblioteca, onde as crianças sentavam em poltronas ou almofadas, mas havia dias em que a narração era feita dentro da sala de aula mesmo. A delimitação do tempo da narração dos contos era de no máximo quarenta minutos.

Vale ressaltar, aqui, que comecei a refletir a respeito da possibilidade de haver alguma diferença entre a recepção das histórias que eram apresentadas como complementos das atividades dirigidas e daquelas apresentadas em momentos apenas de prazer e diversão, ou seja, na roda de narração. Percebi que havia sim distinção na recepção dos contos de fadas contados na roda, porque naqueles momentos eram as crianças que escolhiam o conto a ser narrado, e então o desejo, o prazer e a curiosidade vinham da parte delas. Isso me fazia acreditar que naquele momento elas realmente estavam se divertindo, explorando e demonstrando seus sentimentos, com prazer e alegria.

Durante a roda, eu apresentava as páginas dos livros para as crianças virando lentamente com a mão direita, enquanto a outra mão sustentava a parte inferior do livro aberto diante delas. Neste momento, não fazia comentários a respeito das ilustrações, mas lia o texto tal qual estava escrito nas páginas, permitindo assim, que as crianças da turma acompanhassem simultaneamente a narrativa e as ilustrações. Chamava a atenção das crianças para o nome do autor e do ilustrador do livro, tornando-as conscientes da existência de ambos.

Ao entrar na sala de aula, com crianças de cinco a seis anos, carregando um livro de contos de fadas, acreditava que carregava mais do que um livro. Mais do que um simples conto. Era um momento de prazer, realmente muito especial, tanto para elas quanto pra mim.

A história de uma pessoa pode ser rica em aventuras, reflexões, frustrações ou mesmo pode ser insignificante, mas sempre será uma trama, da qual parcialmente escrevemos o roteiro. Frequentar as histórias imaginadas por outros, seja escutando, lendo, assistindo a filmes ou a televisão ou ainda indo

ao teatro, ajuda a pensar a nossa existência sob pontos de vistas diferentes. Habitar essas vidas de fantasia é uma forma de refletir sobre destinos possíveis e cotejá-los com o nosso. Às vezes, uma história ilustra temores de que padecemos, outras encarna ideais ou desejos que nutrimos, em certas ocasiões ilumina cantos obscuros do nosso ser. O certo é que escolhemos aqueles enredos que nos falam de perto, mas não necessariamente de forma direta, pode ser uma identificação tangencial, enviesada (CORSO; CORSO, 2006, p.12).

As crianças bebem as palavras que saem da boca do narrador. Elas bebiam cada palavra que saía de minha boca. Quando, logo após as narrações, as crianças comentavam sobre os contos e sobre suas vidas, eu ficava realmente surpreendida com os discursos tão profundos, saídos de bocas tão pequeninas.

Um dos prazeres daqueles momentos de narração dos contos de fadas foi precisamente a eliminação das fronteiras entre o (mundo) possível e o (mundo) impossível, entre o real e o imaginário. As crianças – guiadas pela mágica expressão inicial: “Era uma vez...” – soltavam as amarras para embarcarem, de imediato, no imaginário, em uma aventura simbólica na companhia de muitas personagens que, embora fossem da ficção, pareciam bastante familiares.

Segundo Bettelheim (1980), a criança compreende intuitivamente que, sendo irreais, estas histórias são verdadeiras; os feitos narrados não existem na realidade, mas estão presentes como experiência interior. Os contos de fadas são obras de arte integralmente compreensíveis para a criança como nenhuma outra forma de arte o é. Seu significado mais profundo será diferente para cada criança em diversos momentos de sua vida:

Os temas dos contos de fadas não são fenômenos neuróticos, algo que alguém se sente melhor entendendo racionalmente de forma a poder se livrar deles. Tais temas são vivenciados como maravilhas porque a criança se sente entendida e apreciada bem no fundo de seus sentimentos, esperanças e ansiedades, sem que tudo isso tenha que ser puxado e investigado sob a luz austera de uma racionalidade que ainda está aquém dela. Os contos de fadas enriquecem a vida da criança e dão-lhe uma dimensão encantada exatamente porque ela não sabe absolutamente como as histórias puseram a funcionar seu encantamento sobre ela (BETTELHEIM, 1980, p.19).

A criança precisa externalizar seus processos internos se quiser ter o domínio, o controle e a posse deles, mas para isso, ela deve, de alguma forma, distanciar-se do conteúdo de seu inconsciente e vê-lo como algo exterior a ela. É importante perceber que se as pressões internas da criança predominam, o único caminho pelo qual ela pode esperar obter algum controle sobre elas é a externalização. Por sua própria conta, a criança ainda não é suficientemente capaz de ordenar e dar sentido a seus processos internos.

Os contos de fadas mostram à criança de que modo ela pode personificar seus desejos destrutivos numa figura, obter satisfações desejadas de outra, identificar-se com uma terceira, ter ligações ideais com uma quarta, e daí

para adiante como requeiram suas necessidades momentâneas (BETTELHEIM, 1980, p.82).

Assim, enquanto gênero literário, os contos de fadas afagam o coração, alentam os sentidos, e também produzem reflexões significativas, pois as crianças têm a oportunidade de sair do seu universo e perceber a existência de outras realidades.

3.2 Análise dos diálogos das crianças após a narração de *A Bela Adormecida*

Como explica Bruno Bettelheim, na sua obra *A Psicanálise dos Contos de Fadas*, o conto *A Bela Adormecida* é a alegoria da passagem de menina a mulher, com as dificuldades e sofrimentos que essa etapa apresenta. Apesar de todo amor e atenção que os pais dão à filha, eles não conseguem evitar a maldição da puberdade, que começa no sangue – as menstruações – e se prolonga no refúgio em si mesmo – o sono de cem anos. Para tirá-la desse estado, o príncipe deve, em primeiro lugar, derrubar uma floresta de espinhos, a barreira vegetal que protege sua virgindade, para finalmente beijar sua princesa e fazer dela uma mulher. Na versão mais antiga do conto, não é com um beijo, mas com o nascimento do filho, que a princesa é despertada no momento em que a criança busca os seios da mãe para mamar.

Ao contrario das versões da Disney, o conto prossegue com as maldades da mãe do príncipe, por ser ciumenta. Para viver em paz com sua princesa, o príncipe deve matar a mãe; ela terminará por ser queimada em um grande caldeirão. De menina a mulher e mãe, e em seguida a dona de casa, a Bela Adormecia ensina às meninas o papel que elas devem seguir na sua existência. Esse conto fornece uma imagem arquetípica da mulher, uma resposta à questão: o que é ser mulher? Considero-a uma importante, complexa e delicada leitura.

No entanto, confirmando as matrizes teóricas apresentadas até o momento sobre a apropriação dos contos de fadas pelas crianças, as leituras das crianças que ouviam minha narração sobre esse conto seguiram por outras direções, muito diferentes, naturalmente. Passemos a elas, portanto:

- Prof.^a Lara, nosso irmão foi dormir com o papai do céu igual à Bela Adormecida! A mamãe e o papai que disseram! (Giulia – 6 anos)
- Não, Prof.^a Lara, o nosso mano foi dar uma volta no céu, a Giulia não falou direito! Ele foi dar uma volta no céu e vai demorar muito para voltar! Acho que nem vai dar tempo de ver ele! (Alexandre – 6 anos)
- A gente era quatro, agora somos três. (Maria Eduarda – 5 anos)

- O nosso maninho tá no céu, ele foi dormir lá em cima. (Giulia – 6 anos)
- O meu pai morreu! Ele bateu a cabeça numa árvore andando de moto e morreu! Ele vai ficar deitado que nem a princesa pra sempre? (Maurício – 6 anos)
- Não! Que nem a princesa, não. A princesa é especial, ela não vai ficar morta pra sempre! (Isabela – 6 anos)

...

- A princesa vai ter que esperar muito tempo o príncipe para dar o beijo nela e ela deixar de ser morta! (Carolina – 5 anos)
- O pai do Maurício vai esperar muito também para acordar? (Laura – 5 anos)
- Bah! Mas imagina demorar um milhão e trezentos anos para acordar, é muito tempo de esperar, eu ia cansar de esperar! (Estevan – 6 anos)
- Mas tem que esperar as coisas acontecerem, não pode deixar de esperar, eu espero minha mãe trazer os livros dos insetos que ela pesquisa quando chega em casa, tem que esperar... (Clara – 6 anos)

...

- Mas a princesa morreu porque desobedeceu e colocou o dedo na agulha! Por isso ela morreu! (Laura – 5 anos)
- Eu não desobedeço ao papai e à mamãe, eu sei que eu apronto às vezes, mas nunca aconteceu nada de ruim comigo! Ainda bem! (Carlo Eduardo – 6 anos)
- Eu sei que eu apronto bastante, meu pai sempre me xinga! Daí eu vou lá e peço desculpas e não faço mais, e depois outro dia faço de novo! Eu apronto... (Carlos Eduardo – 6 anos)
- Tu vai morrer que nem a princesa! (Isabela – 6 anos)
- Lá em casa é minha vó que me xinga quando eu não quero dormir, porque a mamãe e o papai trabalham de dia e de noite! (Larissa – 6 anos)

...

- Eu sinto falta deles (referindo-se ao pai e à mãe), às vezes odeio ficar com a vó! (Larissa – 6 anos)
- Eu moro só com a minha mãe, meu pai tem outra família e mora longe, nunca vejo ele, só vi umas três vezes. (Valéria 5 – anos)
- Tu nunca viu ele? (Laura – 5 anos)
- Já vi, mas não muito. Eu já disse que ele tem outra família depois de mim. (Valéria – 5 anos)
- Teu pai não gosta mais de ti, Valéria? (Isabela – 6 anos)

- Ele gosta, mas a mamãe disse que ele não pode vir me ver porque está muito longe. (Valéria – 5 anos)
 - Hum! A Aurora não viveu com o pai e a mãe, eles deram ela, aí as fadas que cuidaram. (Isabela – 6 anos)
 - É, mas eles deram ela porque se não a bruxa pegava. (Laura – 5 anos)
 - Mas ela sentia falta do papai e da mamãe, eu sinto falta do papai e da mamãe. (Larissa – 6 anos)
 - Minha mãe e meu papai foram pra Europa viajar, fiquei com minha vó também, fiquei com muitas saudades! A princesa deve ter morrido de saudades do papai e da mamãe! (Isabela – 6 anos)
- ...
- Minha vó é gorda igual à Primavera, ela que cuida de mim, ela usa roupa azul também! (Larissa – 6 anos)
 - É que ela cuida de mim igual à Primavera cuida da princesa. (Larissa – 6 anos)
 - A princesa é linda e boa e vai acordar. (Laura – 5 anos)
- ...

A análise a seguir não é exaustiva e sistemática, mas um exercício de reflexão, no qual meus interlocutores são as falas das crianças e o que aprendi sobre os contos de fadas.

No meu grupo de alunos, percebi que, no diálogo que produziram entre eles em decorrência da narração de *A Bela Adormecida*, não estavam falando propriamente do conto, e sim das suas vivências. Apenas se apoiaram no conto para externalizarem seus conflitos. O conto de fadas *A Bela Adormecida* foi um ponto de partida para aquelas crianças projetarem e externalizarem coisas que não estavam no conto.

As crianças fazem diversas interpretações dos contos de fadas e têm maneiras muito particulares de compreendê-los e relacionar o que ouviram com suas próprias experiências. Compreendi que a história que narrei, para elas, foi como contar a história da vida de alguém, de algo real, porém envolvido neste mundo fantasioso dos contos de fadas. Surpreendi-me com tal força que, preciso confessar, demorei a entender por que estavam falando este tipo de coisa nos diálogos entre elas.

Em relação ao diálogo entre as crianças trigêmeas – Giulia, Alexandre e Maria Eduarda (6 anos) –, que haviam perdido um irmão na hora do parto (originalmente, eram quadrigêmeos), e Maurício (6 anos), que havia recentemente perdido seu pai, reparei o quanto a narração do conto foi imprescindível para que estas crianças pudessem externalizar seus

sentimentos a respeito do luto. Obtive esta informação a princípio das próprias crianças, surpreendentemente nesta situação após a narração do conto de fadas, e depois conversando com a mãe delas, recebi a confirmação.

A fala das crianças me fez pensar que, ao ouvir o conto *A Bela Adormecida*, elas fizeram a possível associação entre o irmão morto no parto ou o pai morto em acidente de carro e o sono da princesa Aurora, provavelmente porque, muitas vezes, nós adultos referimo-nos à morte, ao conversar com as crianças, como um sono profundo. Considerando que geralmente os pais negam ou mentem, porque consideram a verdade traumática e angustiante para os filhos, é importante dizer que a verdade é menos perigosa para a mente infantil do que a mentira, pois permite que as crianças entendam e elaborem situações de perda que, com certeza, vão ter de enfrentar pela vida toda. Ao ocultar a morte de uma pessoa querida, os pais estarão excluindo as crianças do direito a explicações e privando-as de questionar, de ficar com raiva, de sofrer e de elaborar situações difíceis como essa.

Constatai que as crianças percebiam o que estava se passando ao seu redor em relação à morte; elas já tinham um olhar diferente para o mundo e faziam aquelas indagações sobre a morte, demonstrando interesse por respostas que satisfizessem suas inquietações. Acredito que, quando uma criança vive a perda significativa de alguém, é comum que os colegas se abatam também, pois acabam se identificando. E foi isso que aconteceu. Mais de uma criança se identificou e no fim, todas se solidarizaram com os amigos que haviam perdido seus familiares.

Em relação à fala de Laura (5 anos), Carlos Eduardo (6 anos) e Isabela (6 anos), a respeito da desobediência da princesa Aurora, mais uma vez a turma me surpreendeu. Sempre imaginei que a história mais adequada para trabalhar a desobediência, por exemplo, fosse a da Chapeuzinho Vermelho, que apesar de desobedecer a sua mãe, se salva e tem a avó recuperada de dentro da barriga do Lobo pelo Caçador. Essa seleção e apropriação que as três crianças fizeram de *A Bela Adormecida*, enfatizando a desobediência, só reforça o argumento já mencionado de que, realmente, por mais que um adulto se esforce para encontrar uma história adequada ao conflito vivido por determinada criança, é ela quem irá selecionar, dentre as histórias ouvidas, qual ou quais delas vão ao encontro dos seus conflitos internos.

Em algum momento da narração, estas crianças sentiram a necessidade de expor a questão da desobediência, porque simplesmente ela lhes havia tocado. Considerando esta questão, suponho ser possível comentar que a desobediência, algumas vezes, pode ser uma forma de a criança reclamar uma necessidade não atendida. Muitos pais têm seu tempo tão

ocupado que só param para olhar para o filho quando este faz algo de errado, só se fazendo presentes para corrigir as falhas de comportamento.

Já em relação à parte do conto em que é necessário que o rei entregue a princesa Aurora aos cuidados das três fadas – Flora, Fauna e Primavera – para a proteção da vida da princesa contra as maldades da bruxa Malévola, percebi nos diálogos entre Valéria (5 anos), Isabela (6 anos) e Larissa (6 anos), claramente, a associação que fizeram. As meninas comentaram que não viam seus pais há um bom tempo e até mesmo, falaram abertamente sobre a falta que sentem do pai. Comparando com a história de Aurora, essas meninas revelam a saudade que sentem de seus pais, a mesma saudade que a princesa provavelmente estava sentindo do seu, já que foi separada da presença paterna ainda bebê.

A representação paterna dessas meninas encontra ressonância nas figuras paternas dos contos de fadas. Os pais constituem, para as crianças pequenas, a autoridade única e a fonte de todo o conhecimento. O desejo mais intenso e mais importante das crianças nesses primeiros anos é igualar-se aos pais. Sendo assim, as figuras paterna e materna mostram-se poderosas frente a elas. Por isso a importância da presença dos pais para estas meninas.

Em relação ao diálogo de Isabela (6 anos), Larissa (6 anos) e Laura (5 anos), que apresentam nas falas a questão de pai e mãe separados ou pais que foram viajar – momentos em que ficam aos cuidados da avó – e que, conseqüentemente, acabam sentindo muita falta dos mesmos, acho importante evidenciar que nos contos de fadas em geral, não somente no conto *A Bela Adormecida*, existe no enredo um conflito de ausência paterna e materna que é desenvolvido ao longo da história.

Estes conflitos incluem também a imagem que a criança tem acerca de seus pais, como é o relacionamento entre eles, como a criança percebe as figuras parentais e sua influência em suas vivências. Acredito que muitas personagens evocam as figuras parentais e estimulam o funcionamento psíquico infantil. A criança identifica nos personagens que representam os pais nas histórias as relações com seus pais reais, e então passa a expressar, por intermédio de falas, relatos de sonhos e de devaneios, os conflitos que vivencia.

No conto, os pais da princesa Aurora se esqueceram de convidar uma fada para o batizado da menina. Cheia de raiva, ela lança uma maldição: ao completar 16 anos, Aurora furará o dedo numa roca e cairá num sono profundo. Ao longo da história, ficamos sabendo que, depois de atravessar uma floresta cheia de perigos, um príncipe resgata a moça e, com um beijo, a desperta. Mas, para isso, a princesa teve que esperar até o príncipe chegar. A espera e a luta do príncipe ajudam a entender que ter paciência é necessário.

A associação do conto *A Bela Adormecida* com a espera, apresentada no diálogo entre Laura (5 anos), Carolina (5 anos), Clara (6 anos) e Estevan (6 anos) foi algo original e revelador. Essas crianças, provavelmente, pensaram no quanto a princesa Aurora iria dormir até que o príncipe chegasse para despertá-la com um beijo e relacionaram com situações vivenciadas por elas no dia a dia, nas quais também precisam esperar.

É natural no mundo infantil a falta de paciência para aguardar por algo. Além disso, crianças odeiam esperar; elas possuem a urgência do hoje, do agora. As crianças têm também grande facilidade de desgostar-se de algo ou de alguém quando é preciso esperar para que uma situação se realize. Acredito ser ainda pior para elas quando a espera para realizar seu desejo depende do outro. Em muitos contos de fadas estão retratados resultados trágicos quando não são controlados o desejo excessivo por algo e a impaciência. Bettelheim afirma que “esses dois estados mentais são típicos da criança” (1980, p. 89). No conto aqui abordado, mais do que em qualquer outro conto de fadas, pode-se encontrar uma mensagem muito importante para as crianças sobre a calma necessária para se atingir objetivos: “*A Bela Adormecida* diz que um período longo de calma [...] pode levar e seguidamente leva às maiores realizações” (BETTELHEIM, 1980, p.266).

Por meio dos contos de fadas adentra-se magicamente a penumbra misteriosa do inconsciente, condição básica para se conhecer o significado profundo da vida, resgatando as forças de superação do ser humano.

4 FINAL FELIZ PARA TODAS AS CRIANÇAS

Para concluir este trabalho, ressalto que ouvir a narração de contos de fadas na infância é fundamental para as crianças aprenderem um pouco mais sobre como funciona a vida em sociedade. Bettelheim (1980) afirma que, à medida que a criança se desenvolve, pode ser preparada para encontrar um significado na vida. E assim as experiências que vive são suporte para a formação de sua personalidade e sua forma de entender e conviver com o mundo.

Existem muitas formas de habilitar uma criança a viver em sociedade, mas neste trabalho, minha escolha é pela riqueza que os clássicos contos de fadas proporcionam à vida de uma criança. Bettelheim diz que, em sua experiência terapêutica, encontrou muitas crianças com necessidade de aprender a encontrar um sentido e um significado para a vida. Para ele, a melhor forma de transmitir valores culturais para uma criança é através da literatura dos contos de fadas “que canaliza melhor este tipo de informação” (1980, p.16). Ao ler/ouvir um conto, a criança está lendo/ouvindo não só os seus conflitos, mas os de todos os seres humanos que vivem e já viveram nesse planeta. Com as histórias dos outros ela pode sentir-se forte para enfrentar os próprios problemas e tornar-se capaz de resolvê-los a sua maneira.

Ao mesmo tempo em que aprende a viver com seus problemas, aprende que os seus problemas são também de outras crianças, ou seja, não é a única que os está vivendo. Bettelheim (1980) afirma que, desde que os contos começaram a ser contados, foram sendo aperfeiçoados e passaram a falar simultaneamente a todos os níveis da personalidade humana, comunicando de uma maneira capaz de atingir a mente ingênua da criança.

As razões do sucesso desses contos residem justamente no fato de eles falarem a linguagem emocional em que se encontra a criança. Através dessas histórias a criança vai tentando entender seus próprios conflitos internos e, com isso, começa a crescer. E entende, a partir do momento em que coloca nos personagens os sentimentos do seu inconsciente reprimido.

Considerando a ideia de que no inconsciente não há lógica entre passado, presente e futuro, arrisco dizer que os contos de fadas dispõem as crianças a buscar o futuro e também as preparam para que esse futuro seja construído com as ações delas desde agora. Isso ensina às crianças que elas precisam aprender a crescer e que só amadurecendo serão capazes de enfrentar esses medos e desafios que a vida lhes apresenta.

Considero também que as supostas lições de vida que os contos apresentam estão no nível inconsciente da criança e que em nenhum momento ela irá discutir com seus pais no mesmo nível em que estamos tratando desse assunto neste trabalho. Bettelheim, inclusive, afirma que as coisas “devem permanecer assim até que ela alcance uma idade e compreensão mais madura. É sempre invasor interpretar os pensamentos inconscientes de uma pessoa, tornar consciente o que ela deseja manter pré-consciente” (1980, p.28).

Através de um conto que aparentemente está cercado de imaginação, ou uma história que não é real, na qual predomina o maravilhoso, pode-se estar de algum modo disfarçando os sentimentos que cercam o interior da criança, como o sentimento de raiva ao ser abandonado ou negligenciado pelos pais. E até mesmo disfarçando a possibilidade de vencer os pais em esperteza e nunca desistir perante os obstáculos, por mais que no início pareçam difíceis.

Com relação aos personagens dos contos de fadas, são perceptíveis as características peculiares às crianças, como a imaturidade, no início e as transformações que ocorrem ao longo dos percursos, demonstrando a maturidade destes personagens após ultrapassarem os obstáculos, e ainda sua capacidade de controle das emoções ou de serem mais racionais.

Os contos de fadas são tão interessantes e fundamentais, pois não determinam um único sentido ou um único final. A riqueza deles está justamente em permitir ao leitor encontrar o seu próprio caminho a partir do momento em que os finais são sugeridos e a criança encontra a sua própria solução. A sua linguagem simbólica, suas possibilidades interpretativas e a sua poesia, nascidos dos mais fortes e primários sentimentos gerais, são considerados o que mais fala e desperta a sensibilidade de crianças. A estrutura apresentada nos contos de fadas, em que se encontram personagens, sentimentos, valores e desafios que correspondem às principais exigências infantis, possibilita à criança lidar com seus sentimentos mais internos e, de acordo com sua necessidade, encontrar novas dimensões para a expressão e possível resolução de seus conflitos.

Ressalto também que os contos de fadas possibilitam traduzir, por meio do imaginário, os conflitos interiores de cada criança, e permitem um crescimento na direção de sua própria humanização, na medida em que tais conflitos são problematizados e contextualizados à luz de suas experiências afetivas e socioculturais. Portanto, utilizar os contos de fadas para provocar, para perturbar, para deslocar formas de pensar e agir é sempre uma ótima opção, e considero que esta opção não pode faltar de jeito nenhum na relação entre professores e alunos na educação infantil.

Assim, diante dessas considerações finais, reafirmo que as mensagens positivas que os contos de fadas carregam, os tornam fascinantes, mas, sobretudo únicos e insubstituíveis

para o imaginário infantil. O trabalho com os contos assegura à criança que ela também é capaz de superar as dificuldades. E, através dele, a herança cultural é também comunicada às crianças, tendo uma grande contribuição para sua educação moral, social e cultural. Em uma sociedade de pais extremamente ocupados com seus projetos, trabalhos e agendas, garantir o acesso aos contos de fadas para as crianças no período em que elas estão na escola infantil é garantir o acesso delas a tudo isso e ao que mais vai se revelando na relação entre esses sujeitos e na interação com esse gênero da literatura infantil.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1997.

BETTELHEIM, Bruno. *A Psicanálise nos Contos de Fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil*. São Paulo: Moderna, 2000.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mario. *Fadas no divã: Psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

HELD, Jaqueline. *O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica*. São Paulo: Summus, 1980.

LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. *O que é imaginário*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

RADINO, Glória. *Contos de Fadas e Realidade Psíquica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.